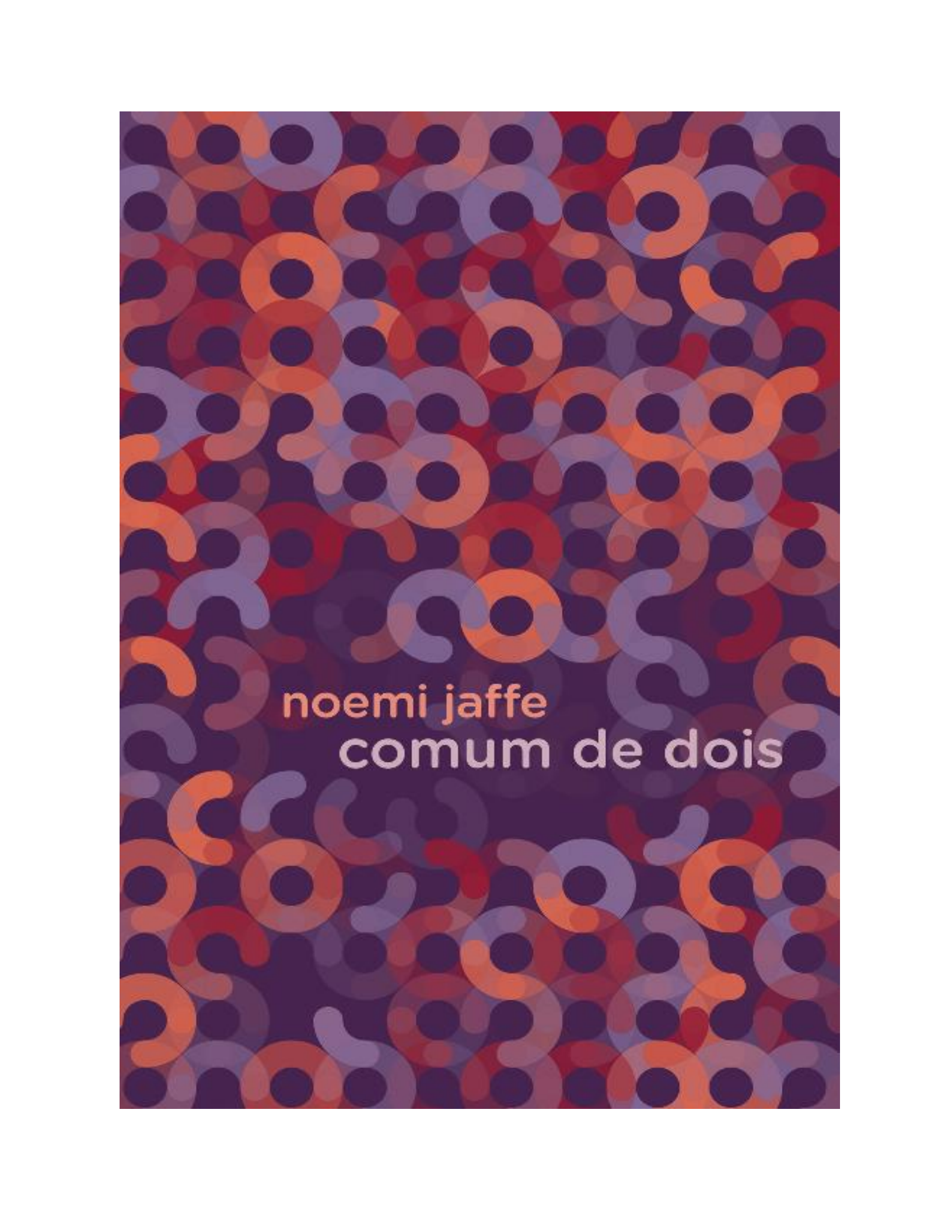




noemi jaffe
comum de dois



The background of the entire image is a dense, abstract pattern of overlapping circles. The circles are in various shades of orange, red, and purple, creating a textured, mosaic-like effect. The colors are layered, with some circles appearing more prominent than others due to their position and opacity.

noemi jaffe
comum de dois

noemi jaffe
comum de dois

Sumário

[Apresentação](#)
[comum de dois](#)
[Sobre a autora](#)

Apresentação

Se fosse teatro, seria um daqueles raros presentes que um ator recebe durante a carreira.

Pensando bem, *comum de dois* é teatro, e dos bons. Teatro sem rubricas, sem dicas de intenção, movimentação ou cenário. Enquanto se divertem com jogos íntimos ou discutem questões como a existência de Deus e a relevância do Facebook, o casal de namorados talvez divida uma lasanha, ou talvez estique o lençol, cada um de um lado da cama. Será que ela folheia um livro enquanto ele lixa as unhas? Será que ela pinta o cabelo enquanto ele prende o choro? Será que um torceu o nariz para o outro? Ou será que estão os dois, inexplicavelmente, à beira de uma gargalhada?

Se fossem contos, seria um daqueles livros que a gente lê um pouquinho cada noite, pra dormir gostoso. Pílulas. Claro, *comum de dois* é uma coletânea de microcontos. Mas só com diálogos, sem muita prosa. Você escuta a conversa e desvenda o resto.

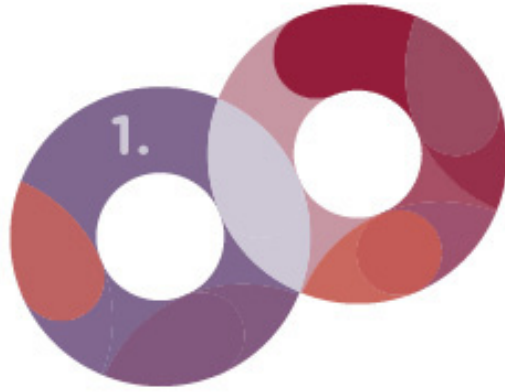
Se fosse um romance, seria em linguagem fragmentada, perturbador, cheio de subtextos. Assustadoramente familiar. Psicologia pura. Estarão os diálogos ordenados cronologicamente? Claro, os dois envelhecem juntos. No início, namorados. No fim, casados há anos. Mas... Os dois sempre dizem a verdade ou há algo de oculto por trás de tanta palavra?

Às vezes parece autoanálise: a Noemi conversando com a Noemi. Ou autoajuda: como salvar seu casamento alimentando conversas banais. Às vezes, é descaradamente autobiográfico: será que o marido aprovou?

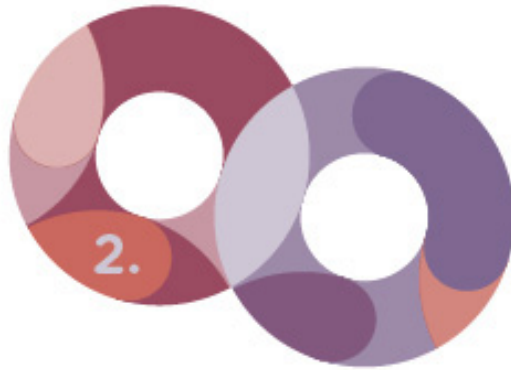
“É que o gênero da pessoa não se define mais só pelo corpo”, diz um dos dois personagens, a certa altura.

Muito bem, é isso: gênero literário? Nossa, que coisa mais antiga.

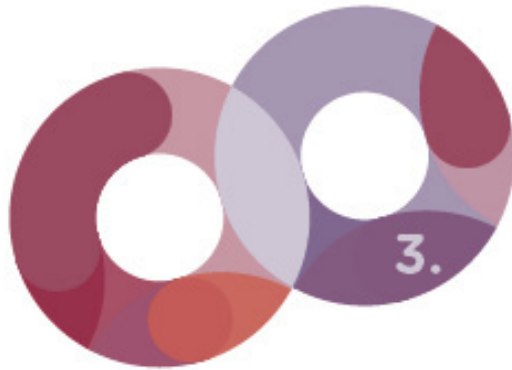
Flavio Cafiero



- não vem, não adianta!
- não vem o quê, amor?
- a inspiração. já estou aqui há horas e não sai nada, só porcaria. olha o cesto de lixo como tá. já não aguento mais. não dá pras coisas saírem quando a gente quer. elas saem quando “elas” querem.
- “elas” quem, amor?
- as coisas, bem. as coisas.



- que porção, talvez incrivelmente pequena, que acidente você mais ama em mim, amor?
- você enlouqueceu agora?
- é uma adaptação do livro “fragmentos de um discurso amoroso”, do barthes. não é bonito? que acidente você mais ama em mim? minha verruga atrás da orelha, a outra que eu tenho bem na entrada do couro da cabeça, o joanete, o quê?
- não sei, meu anjo. sei lá, acho que é a saboneteira, tão cavada. adoro as tuas saboneteiras.
- mas isso não é um acidente. isso é uma qualidade. vai, fala!
- amor, faz silêncio agora.



– amor, você acha que as coisas pequenas é que salvam o mundo?

– coisas pequenas tipo o quê?

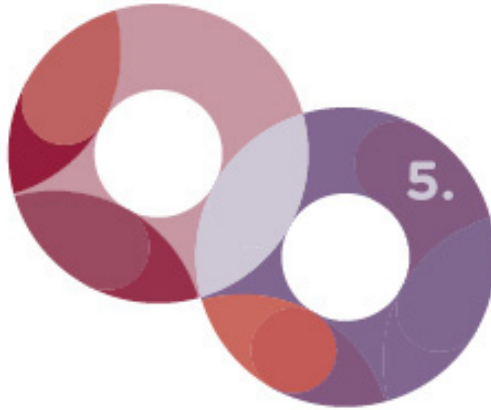
– ah, sei lá, costurar um botão, lavar as mãos, alimentar um cachorro com fome, não sei.

– claro que não, bem, como isso vai salvar o mundo? deixa de criancice, vai.

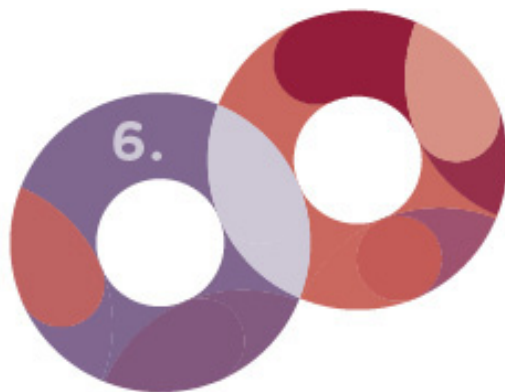
– mas você não disse que se apaixonou pelo jeito como eu mandei a vizinha do 702 tomar no cu?



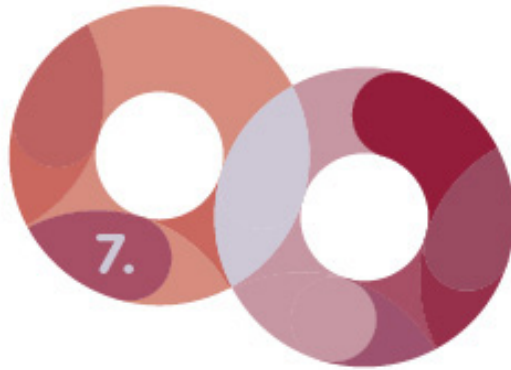
- o nietzsche falou que a gente não ama o amado, que a gente ama o amor que a gente sente pelo amado.
- então pra ele não faz diferença quem a gente ama, é isso?
- é, parece que é.
- isso deve ser porque ele nunca conheceu a pessoa certa.
- ai, amor, você não consegue abstrair. eu, por exemplo, eu te amo, mas eu também amo te amar.
- ama “me” amar e não ama “o” amor. amar o fato de amar é uma coisa muito narcisista.
- você acha que o nietzsche era narcisista?
- ah, daí eu já não sei.



- bem, você que vive lendo, você entende o que é dialética?
- ah, não sei, mas acho que entendo. é quando uma coisa precisa do contrário dela para poder prosseguir e ainda se modificar, entende?
- tipo o quê? tipo pra poder parar de fumar eu precisaria fumar muito, até saturar o corpo de fumo e aí parar?
- é, tipo isso mesmo.
- mas duas coisas iguais também não funcionariam, nesse caso? assim, para parar de fumar, parar mesmo de fumar? isso seria uma antidialética?
- não, isso é homeopatia.



- amor, você viu que o sartre e a simone de beauvoir tinham um relacionamento aberto?
- é, já ouvi falar.
- você acha que a gente encararia?
- eu, não. acho essa história de relacionamento aberto uma enganação, aposto que nem eles aguentavam. ninguém tem maturidade pra isso.
- mas e se fosse, sei lá, a sharon stone?
- ih, bem, a sharon stone já era. eu pegava era a natalie portman!
- aquela magrela? relacionamento aberto pra isso? mas que desperdício, bem.
- tá bom, vai. a jennifer lopez e não se fala mais nisso.
- bom, nesse nível só tá faltando pegar a lady gaga.
- quem?



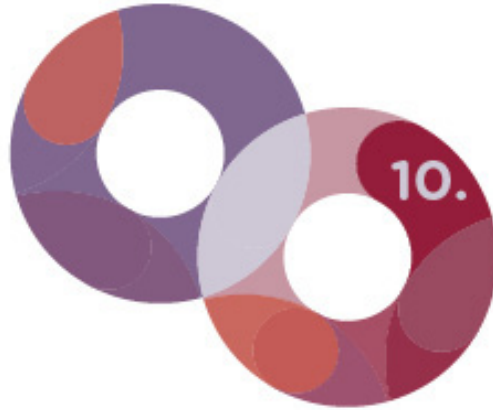
- benhê, você acha que ele ressuscitou mesmo?
- claro que não, amor, é uma simbologia. quer dizer que estamos sempre renascendo, a cada dia, entendeu?
- amor?
- diz.
- ressuscitar é com s e c ou só com s?



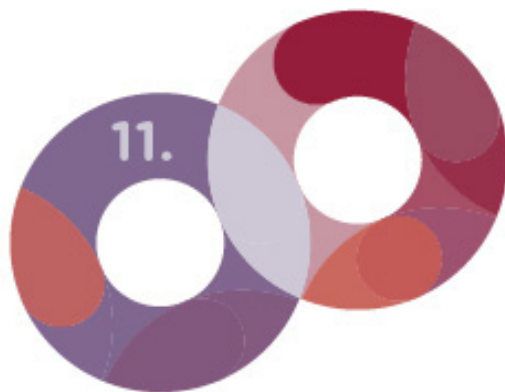
- meu amor, você me protege de todos os males do mundo?
- protejo, protejo sim. da escuridão, da dor, de assaltante e do medo.
- até da terceirização?



- amor, você já ouviu falar desse tal de sísifo?
- não é um que tinha que ficar empurrando uma pedra até o alto da montanha e, quando ele chegava lá, tinha que empurrar a pedra de volta pra baixo, e assim eternamente, sem motivo nenhum?
- esse mesmo, amor. mas você sabe por que ele foi condenado a fazer isso? que horror, né?
- ah, não sei, não. isso é um problema, eu só conheço alguns pedaços de cada mito. nunca sei inteiro, é muita coisa pra decorar.
- deixa eu ver aqui. nossa, ele era tão esperto que enganou até a morte. daí zeus ficou com raiva e puniu ele desse jeito. esses gregos eram muito cruéis!
- mas pelo menos tem uma simbologia. qual é a simbologia das nossas punições atuais? não tem. vai pra cadeia, fica lá e acabou.
- mas como poderia ser uma punição simbólica dos dias de hoje? ficar pra sempre falando no celular até morrer de câncer de ouvido?
- ai, amor, não exagera. sei lá, por exemplo, consumir, consumir, consumir, de tudo, só coisas que não servem pra nada. um sísifo moderno, vamos supor.
- que bobo isso, amor. muito óbvio. acho muito mais legal empurrar a pedra.
- já sei. ter tipo duzentos controles remotos pra fazer cada coisa do dia: acordar, escovar os dentes, fazer xixi, essas coisas, tudo mesmo e nunca saber qual usar.
- agora fechou.



- amor, sabia que tem gente que não gosta de falar “eu te amo”?
- como assim?
- é, sei lá, acham muito óbvio, lugar-comum, piegas.
- mas que burrice! é claro que é óbvio, lugar-comum e piegas. essa é que é a graça da frase. dizer o óbvio porque é óbvio. mas quem é que não gosta? nunca ouvi falar disso!
- eu também acho isso mesmo. é o namorado de uma amiga.
- e ela, também não gosta de ouvir? aposto que gosta!
- ela disse que não se importa, que o cara tem outros jeitos de dizer e de demonstrar que ama ela. ele dá presentes, traz flores, diz que gosta muito, essas coisas.
- que pentelho esse cara. fala pra ela mandar ele se catar.
- você me fala né, amor? eu também: eu te amo, eu te amo, eu te amo.
- calma, não precisa exagerar, vai.
- ai, tava só brincando!
- tá bom, eu sei. eu também te amo muito, muito, muito.
- agora não adianta tentar consertar.
- tá bom. eu gosto muito de você, prefere?
- não. odiei.



- maionese, maionese, maionese.
- para, que droga. eu odeio isso e odeio que digam essa palavra. não tô brincando. eu quase não tenho frescura nenhuma, mas quero me dar o direito de ter essa.
- maionese, maionese, maionese.
- juro, amor, se você falar isso mais uma só vez, uma vezinha que seja, eu vou embora e não volto mais.
- maio, maio é o mês das noivas!
- sério, cê parece um bebê, que idiotice isso.
- mas você precisa aprender a ouvir pelo menos a palavra!
- por que eu preciso aprender? por que não posso ter essa birra? você, por exemplo, não pode nem ouvir a palavra rato que dá um grito. quer ver, rato, rato, rato, rato.
- nada, não falei nada. pode continuar falando, se quiser.
- não, sério, amor, tem horas que dá vontade de te matar.
- e eu só quero te dar um beijinho. dá um, amorzinho, dá um beijinho, vai.
- não enche. dessa vez você passou dos limites.
- puxa, bem, como eu faço pra você me perdoar?
- faz silêncio durante três horas.



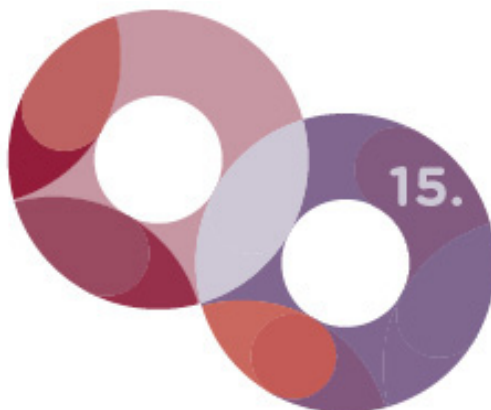
- tô triste, amor.
 - por quê?
 - não sei, sabe quando a gente fica triste sem motivo nenhum?
 - deve ser cansaço só. você tá trabalhando demais. logo passa.
 - é, deve ser. mas não adianta falar isso. a tristeza tá aí e é uma coisa, sei lá, que dói no fundo da alma.
 - fundo da alma? não exagera vai. não pode ser uma tristeza tão funda assim, a troco de nada.
 - mas é. chega que dói tudo, a barriga, o peito, as pernas. dá vontade até de morrer.
 - ô, meu deus, mas você tá indo longe demais. faz silêncio que passa.
 - me abraça, bem? bem forte?
 - abraço, ô. claro que abraço.
-
- melhorou?
 - não. abraço dá uma tristeza, né?



- benhê, por que a gente se chama de benhê?
- sei lá, bem, de mal é que não ia ser, né? por que, você não gosta?
- não, não é isso. só tava pensando por quê. é bonito, né? meu bem, meu benzinho, benhezinho.
- benhenhezinho. meu benhenhezinho.
- benhinho parece índio, né?
- como será que os índios chamam as namoradas e os namorados? minha ibirapuerazinha? meu anhangabauzinho? como que será que é inho em língua de índio, bem?
- eu sei que uba é terra.
- e abaetê é pessoa boa. abaetetuba é lugar cheio de gente boa, sabia?
- que lindo, bem. vamos para abaetetuba e chamar todo mundo de benhezinho?
- não, amor, daí isso já deve ser meio chato.



- amor, o que quer dizer o ditado “cacarejar e não botar ovos”?
 - ah, é tipo “cão que ladra não morde”, eu acho.
 - é, é isso mesmo. boa! e “pede o guloso para o desejoso”?
 - esse é igual àquele do roto falando do esfarrapado.
 - nossa, é mesmo, que legal! e “zebra sem lista é cavalo”?
 - bom, esse é o último, tá? aposto que você sabe os significados todos. “zebra sem lista é cavalo” quer dizer que não adianta ficar inventando as coisas. que elas são o que são.
 - ah, discordo, amor. eu acho que é pras pessoas não ficarem se iludindo sobre si mesmas. não ficarem vendo lista onde não tem.
 - mas zebra é melhor que cavalo, por acaso? agora chega, tá?
-
- e “lua com circo traz água no bico”?



– amor, aqui tão falando que a questão não é mais saber se vai acontecer um desastre total. é quando. que medo!

– ai, não fica lendo essas coisas; você lê, lê e o único resultado é ficar com mais pavor. pra que isso?

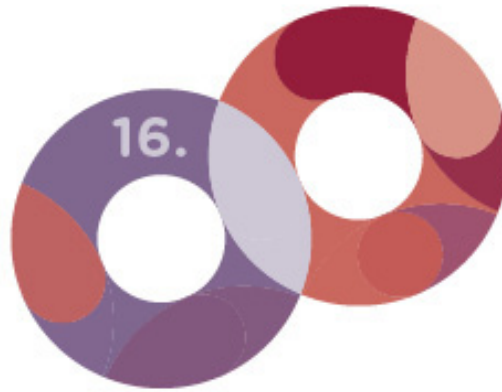
– mas e o que adianta não ler? que alienação! se eu não ler, as coisas vão acontecer do mesmo jeito.

– justamente! se vão acontecer, melhor não saber, já que não dá pra fazer nada. a ignorância pode ser uma bênção, sabia?

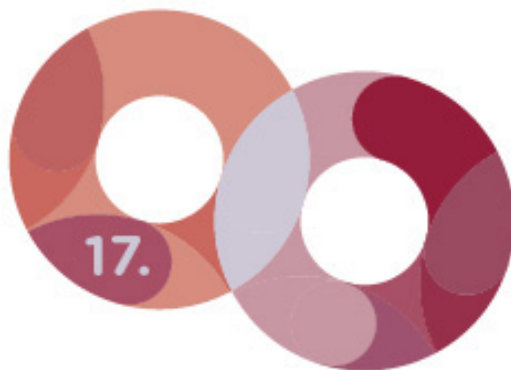
– o que eu sabia é que com essa conversa já aconteceu muita desgraça. por outro lado, você tem certa razão. se não tem nada pra fazer, melhor relaxar e gozar, também. ai bem, fico numa indecisão!

– vem aqui. não vai acontecer desastre nenhum enquanto a gente estiver junto.

– ai, bem, você é muito egoísta.



- batata frita ou cozida?
- frita, faz daquela frita, que é crocante por fora e macia por dentro, vai!
- essa não é sempre que dá certo, mas vou tentar, o problema é que engorda mais.
- você sempre com essa preocupação, amor. tá tão bom do jeito que tá. para com essa frescura.
- isso é porque são os teus olhos. eu olho no espelho e só vejo gordura; na barriga, no pescoço, no rosto.
- você parece uma batata frita, amor. crocante por fora e por dentro, só maciez.
- ai, não acredito que você tá falando isso. pirou?
- mas você vai fazer a batata, né?



- amor, como você definiria “arte”?
- ai, você sempre com essas perguntas do nada. sei lá, por que você simplesmente não curte as coisas em vez de querer ficar sabendo o significado? e você ainda acha que eu, eu vou saber isso? os filósofos estão discutindo isso há milênios e eu vou saber a resposta?
- nossa, bem, que discurso inflamado só por causa de uma pergunta. em primeiro lugar não pedi pra você me dar “a” resposta. só perguntei como “você” definiria. em segundo lugar, quanto mais a gente sabe sobre aquilo que a gente gosta ou não gosta, mais condições a gente tem de fazer escolhas. ah, que chatice, parece que eu tô na escola. se não quiser, também não fala. só queria conversar.
- tá bom, tá bom. não precisa levar tão a sério. deixa eu ver... arte... hã.. arte. sei lá, pra mim arte é uma mistura de técnica e emoção, é isso. e mais alguma coisa, não sei, algum mistério que a gente sente quando vê alguma coisa e que eu não sei de onde vem, mas que eu e muita gente sente.
- mas quanto de técnica e quanto de emoção você acha que tem? 50% e 50% ou 30% e 70%? e a arte que não tem emoção, que é só forma?
- eu sei lá a porcentagem, amor! porcentagem não combina com arte. e arte que não tem emoção, pra mim, não é arte.
- mesmo se todo mundo aceita como arte?
- mesmo assim.
- mas e isso que eles chamam de arte conceitual? você já viu, tipo aquele quadro que diz: “isso não é um cachimbo”? aí não tem

emoção e é arte!

– taí, agora você me pegou. não tinha pensado nisso, mas você tem toda razão. então não sei definir.

– já sei. acho que arte é isso mesmo: um cachimbo que não é um cachimbo, uma coisa que é sempre outra.

– não, amor, essa é a história do rio, onde nunca se entra duas vezes.

– ah, é. tinha esquecido.



– bem, cê não acha que às vezes até o caetano veloso escreve umas coisas esquisitas?

– tipo o quê?

– ah, sei lá, tipo “você é linda, mais que demais, você é linda, sim, onda do mar do amor que bateu em mim”?

– nossa, você tem toda razão, que coisa esquisita. mas é que cê tem que pensar que tá dentro de uma melodia e daí tudo muda. e depois tem toda a obra dele pra compensar.

– não, isso tudo bem, eu sei, mas será que ele não pensa assim, tipo, ah, eu sou o caetano veloso, então eu posso escrever um negócio desses?

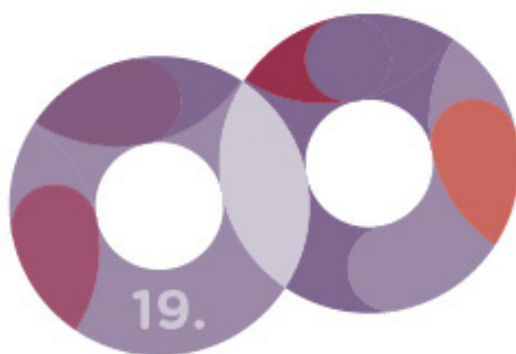
– é, deve ser. o cara tá lá, sentado, combinou de fazer uma música, não consegue pensar em nada e taca um “você é linda, mais que demais” e fala “tudo bem, o pessoal nem vai reparar e tudo, vai tocar na novela e todo mundo vai sair cantando”.

– é, também acho isso mesmo. e o chico, bem? cê lembra de alguma coisa ridícula que ele tenha escrito?

– hum, deixa eu ver.... já sei... “o meu amor tem um jeito manso que é só seu, e que me beija a boca, minha pele toda fica arrepiada...”

– para, para, amor, não suporto imaginar que o chico escreveu isso. dói no fundo da alma!

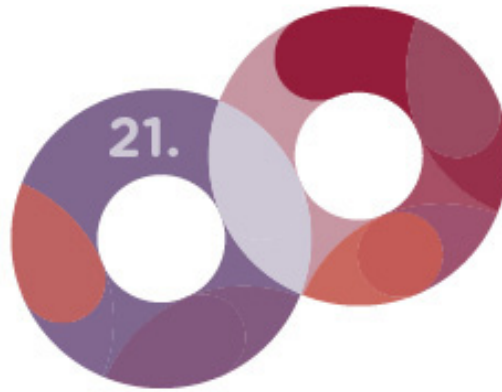
– ai, amor, deixa o chico. ele já tá cansado, coitado.



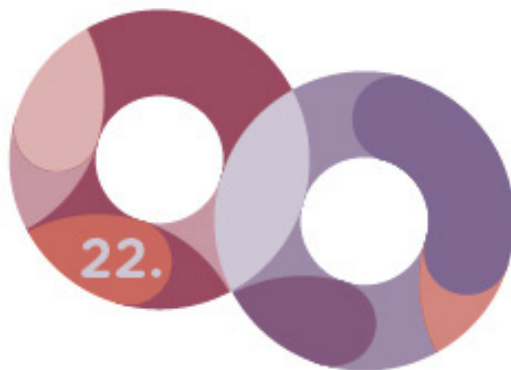
- benhê, acredita que a palavra “assassinos” vem de “haxixe”?
- “haxixe”? como assim? que tem a ver?
- é, sim. não acreditei! era porque os traficantes de haxixe, na antiguidade, matavam as pessoas. daí ficaram conhecidos como os “haxixim”, algo assim. daí foi evoluindo, evoluindo e virou “assassino”. não é incrível?
- nossa, mas como veio parar aqui?
- ah, acho que foram os imigrantes árabes que trouxeram a palavra, né? tá cheio de palavras em português que vêm do árabe. quase todas as que começam com “al”, tipo “almofada”, “alcachofra”, “alfarrábio”...
- mas “assassino” não começa com “al”.
- putz, tava esperando você falar isso. acho que não são *todas* as palavras árabes que começam com “al”, né?
- o que será que significa “al” em árabe, bem?
- deve ser tipo uma preposição, acho, tipo “sobre”.
- nossa, nem sabia que “sobre” era preposição. acho lindo você saber o que é “preposição”. acho mesmo.



- amor, você já pensou na expressão “não fazer nada”?
- o que que tem?
- você não acha que tá errado? não dá pra “fazer nada”. quem faz, faz alguma coisa. devia ser “pensar nada”, “sentir nada”, “olhar nada”, mas não “fazer”.
- ué, mas deve ser por isso que a gente fala então “não fazer nada”.
- não, porque quem “não faz nada”, faz alguma coisa, entendeu? negativo com negativo se anula.
- nossa, eu adorava tanto “não fazer nada”! e agora, vou fazer o quê, quando eu quiser “não fazer nada”?
- nada, amor. só nada.



- amor, você acha que a vida tem algum sentido?
- ué, depende do jeito como você entende a palavra “sentido”, né, amor. se for “sentido” como “direção”, “caminho”, essas coisas, daí acho que tem. a gente tá todo mundo indo pra morte, né? agora se for “sentido” como “significado”, tipo “qual o sentido dessa pintura”, essas coisas, daí já não sei. sempre penso sobre isso, mas nunca cheguei a nenhuma conclusão. pra te falar a verdade, acho que não tem, não. a vida não tem nenhum sentido.
- ai, bem, como cê é pessimista! e nós? a gente estar junto não é um sentido?
- você disse muito bem. é um sentido, mas não “o” sentido, entendeu? acho que a vida pode ter vários sentidos, temporários ou duradouros, mas eles têm importância pra aquela pessoa, durante aquele tempo, entendeu? agora, “o” sentido, daí é diferente.
- nossa, amor, que profundo. não tinha pensado tudo isso quando te perguntei. mas eu gosto de ser “um” dos sentidos e não “o” sentido. é legal.
- é, dá uma liberdade, né?
- dá, sim.



– às vezes me dá uma vontade de sair do facebook, amor. não te dá? todo mundo só postando foto de si mesmo, dos filhos, falando abobrinha, brigando por causa de nada... e a gente perde horas olhando isso aqui. já deixei de ler um monte de livros por causa disso.

– então sai, amor. cê fica olhando esse negócio toda hora, eu acordo de madrugada e cê tá lá, olhando o facebook. acho que é ele que não te deixa dormir direito, quer saber?

– ai, também não é assim. é que me ajuda a adormecer, é tanta baboseira.

– olha, se você quer saber, eu acho que isso é desculpa. larga isso e pronto. de uma vez. pra parar um hábito – no teu caso, acho que é um vício mesmo – tem que ser de uma vez.

– ah, não é isso que falam os especialistas. largar um vício é uma coisa gradual, se for de uma vez só, assim de supetão, pode até gerar um trauma, uma coisa assim.

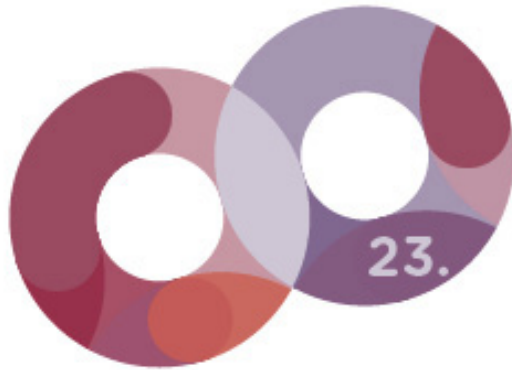
– bem, fala sério, trauma de largar o facebook? você não tá falando sério, né? ou fica ou não fica, mas não dá pra achar que é uma coisa tão importante.

– você acha que o zuckerberg controla nossa vida? que daqui a algum tempo ninguém mais vai poder falar nem fazer nada e ele vai saber de tudo?

– isso é teoria da conspiração, bem. não é tanto assim! mas não tem nada a ver. quer largar o facebook, não é por causa do zuckerberg. larga e pronto.

– é que eu queria um motivo sério, não largar por largar. é tão gostoso!

– então fica, amor. fica no facebook.



- não sei se eu gostei mesmo desse sapato novo, bem. custou caro e tudo. na loja parecia bonito, mas agora, olhando bem, não tenho mais certeza. parece esquisito, não parece?
- não, amor, tá muito bom. você é muito exigente.
- mas tem que ser, ué! paguei caro mesmo. talvez eu deva trocar.
- eu sei, quando cê fica na dúvida assim é porque cê não vai usar. melhor trocar mesmo, então.
- mas não sei, talvez esteja bonito. ai, que difícil.
- difícil é problema de matemática, resolver a questão da educação no país, trocar o sapato não é difícil.
- é difícil, sim. os problemas pequenos são tão importantes quanto os problemas grandes, quer saber? sem resolver um, não dá pra resolver os outros. você não fica toda hora pensando onde vai estacionar? então, não vem me acusando, não.
- tá certo, amor. desculpa. tenho que reconhecer. essa do estacionamento arrasou.



– amor, acredita que essa já é a 373^a vez nesse ano que eu esqueço o que eu ia dizer?

– o quê!? você tá contando quantas vezes você esquece o que ia dizer? não dá pra acreditar nisso, bem.

– é, tenho tudo anotado. ó! tudo num caderno. 373 vezes, desde janeiro, que eu esqueci várias coisas. anoto também as coisas que eu lembro depois com um xisinho e as que eu não lembro nunca mais eu marco com um traço.

– deixa eu ver. nossa, que absurdo. mas cê reparou se tem alguma regularidade nas coisas que cê não lembra mais e nas coisas que cê consegue lembrar? tem uma lógica?

– puxa, esse mapeamento eu não fiz, mas até que seria interessante, né? daria pra fazer um tipo de território mental. ou então chegar à conclusão de que eu tô com alzheimer! 373 esquecimentos, em mais ou menos 100 dias, dá mais do que três por dia. acho que isso é velhice, amor.

– ah, não acho tanto assim três por dia. deve ser uma média supernormal, até entre crianças. mas sabe que eu gostei dessa tua lista? dá pra fazer alguma coisa com ela. não sei o quê. mas tenho certeza que dá.

– tipo o quê? a lista dos esquecimentos gerais de um adulto de classe média?

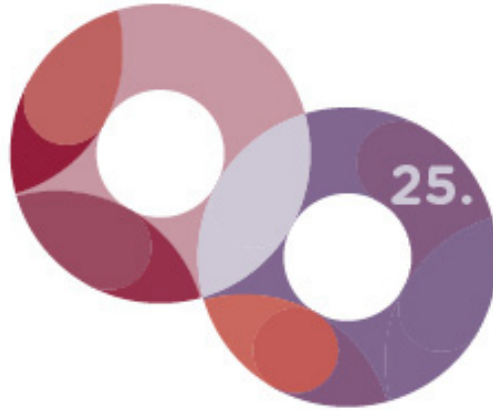
– não, não isso. não uma coisa científica assim. quer ver: lista da lembrança do esquecimento. não é legal?

– lista do esquecimento da lembrança.

– lista do vazio do cheio.

– lista do cheio do vazio.

- lista da não lista.
- não lista da lista.
- tá bom. já chega.



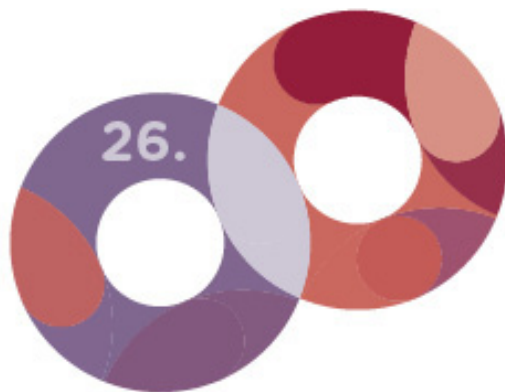
– nossa, amor, é muita conta que tem que pagar! não aguento mais ficar só pensando em dinheiro o tempo todo. nunca tem o suficiente. que saco, isso! trabalhar loucamente pra só conseguir, mal e mal, pagar as contas. que vida chata!

– bem, cê tá reclamando de barriga cheia, vai! 99% da população vive bem pior do que a gente, sabia? a gente consegue pagar tudo e ainda viaja um pouco, vai ao cinema, de vez em quando um bom restaurante, chama os amigos pra vir em casa e, o que é mais importante, a gente faz o que gosta, na maioria das vezes. não dá pra reclamar, vai. ah, e tem o mais importante de tudo: a gente tem a chance de mudar, crescer, estudar. mobilidade, amor.

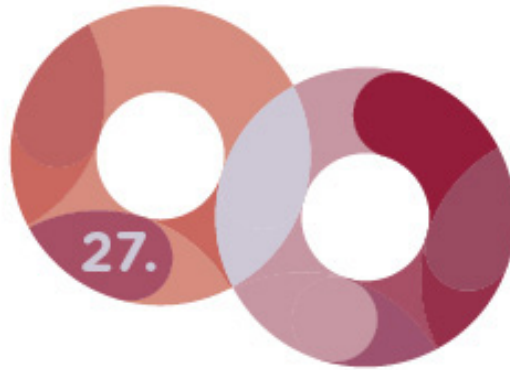
– juro, não aguento essa conversa de que se as coisas tão razoavelmente boas com a gente, ou, o que é pior, ainda piores com os outros, então a gente não pode reclamar de nada. isso é um tipo de prisão, eu acho. prisão moral e ideológica, quer saber? então, a gente precisa esquecer da nossa individualidade e das nossas próprias sensações pra ficar pensando nos problemas dos outros? isso não é humano! e, aliás, nem dá pra gente ter mobilidade emocional, sabe, se a gente fica o tempo todo preocupado se o outro tá pior do que nós. sério, deixa eu reclamar aqui dos meus probleminhas.

– tá bom, eu sei do que você tá falando. mas é que saber que tem muita gente em situação bem pior e pensar que a gente pode estar dramatizando demais o nosso lado faz a gente colocar as coisas em perspectiva, entende? muda um pouco o quadro. é bom olhar um pouco mais de fora. mas não tô dizendo pra você não sentir o que cê tá sentindo! pode sentir à vontade!

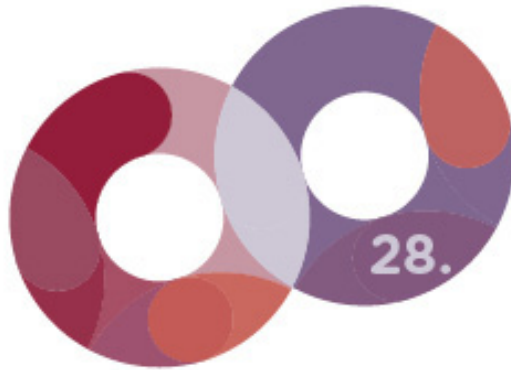
– à vontade, à vontade mesmo, também não dá.



- tô com uma dor de cabeça, amor! nem sei se é de cabeça ou só um mal-estar geral.
- quer que eu te traga um comprimido, alguma coisa? um copo d'água com açúcar? um cafuné?
- não precisa, bem. deve ser cansaço, só.
- precisa prestar atenção, tomar cuidado. às vezes pode ser uma gripe, sei lá, até dengue. não deixa passar, não. se não melhorar logo, precisa averiguar.
- averiguar, amor? que palavra antiga! é do tempo em que a gente averiguava mesmo. agora ninguém mais averigua nada.
- averigua? eu averiguo, tu averiguas, ele averigua. fala, você averiguará?
- averiguarei. prometo que averiguarei.



- bem, vamos pra florianópolis, fazer nada em florianópolis?
- por que florianópolis, amor? não tem lugares mais perto?
- porque é lindo esse nome, amor. quero ir pra florianópolis, porque lá deve ser a cidade das flores, onde tem abelhas que ficam voando o dia inteiro em torno das praias cheias de ondas onde surfam pessoas bonitas. vamos pra florianópolis, amor, vamos, vai.
- bem, desculpa te frustrar, mas florianópolis chama assim por causa do marechal floriano peixoto, não é por causa das flores.
- o quê? marechal floriano? quer dizer que não tem flores e abelhas e ondas com moços e moças lindas em florianópolis? só marechais fardados, desfilando pelas avenidas enquanto o povo aplaude de pé? não quero mais ir pra florianópolis, amor.
- tá certo, bem. então vamos pra holambra.



- amore, quer estrampulhar no gristo?
- ah, não, só mascrotrostar na primba.
- na primba, não, vai. na trusba.
- na trusba de novo? cê tá pirando? foi na trusba da última vez!
- ah, é, tinha esquecido. então pode ser no gristo. sem problemas comigo.
- então, tá. no gristo, no gristo.
- oba, no gristo!



– nossa, amor, tô vendo um vídeo aqui no facebook, que coisa! tinha um monte de vacas pastando isoladas num pasto enorme e daí veio uma banda e começou a tocar um jazz na frente delas, daí elas se reuniram todas e ficaram escutando juntas. até esqueceram de pastar!

– é, você sabia que uma vez o chet baker parou na frente de uma vaca e ficou tocando trompete pra ela?

– ah, deve ser por isso então. música é muito louco, né? a gente não faz ideia dos lugares onde ela pega a gente. é muito diferente das outras artes, que pegam mais pela cabeça mesmo. a música penetra em todos os lugares do corpo, na cabeça inclusive.

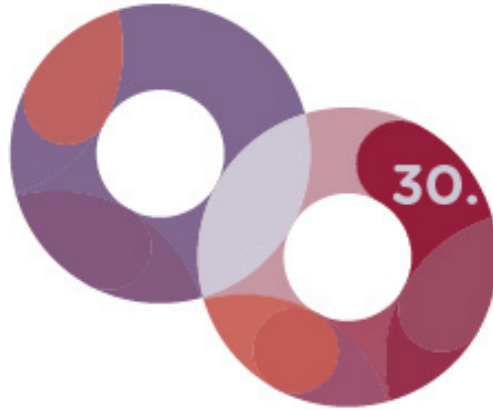
– sei lá, acho que a dança também é assim. mas música é mais mesmo.

– às vezes eu queria ser uma vaca e ficar ouvindo uma banda de jazz tocando pra mim. daí eu parava de pastar e ficava ouvindo junto com minhas amigas vacas.

– putz, seria bom mesmo, amor. nada de contador, planilhas, eletrodomésticos quebrados. só pastar e ouvir jazz.

– nossa, bem, eletrodoméstico quebrado é muito deprê. já pensou um liquidificador quebrado, como ele é triste?

– é, nossa, demais. prefiro vacas.



– amor, você acha que os pais devem interferir na vida dos filhos ou simplesmente deixarem eles ser como eles são?

– ah, interferir, claro! já pensou, deixar todo mundo ser como é? daí não existiria mais civilização. educação é isso, interferência mesmo. quando a gente tiver filhos, eu não vou ter o menor medo de dizer “não” pra eles.

– não, isso eu sei, tá certo. mas tô falando de uma coisa mais radical.

– tipo o quê?

– ah, sei lá, tipo se você tem um filho que mora sozinho, vai, vamos supor. e cê vai na casa dele visitar e a louça tá toda suja, de dias e dias. você se sentiria no direito de interferir e dizer pra ele que isso não tá certo? mesmo que ele não estivesse incomodado com isso?

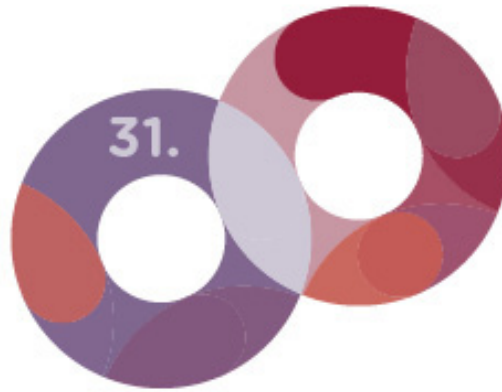
– ah, daí não, eu não diria nada, acho. apesar de que louça suja me incomoda muito. mas se não tá incomodando ele, daí acho que não, eu não interferiria, não. e, depois, filho morando sozinho, já não é mais tarefa dos pais educar. já acabou essa parte.

– nossa, amor, que decisão difícil. será que chega um momento em que a gente para de educar os filhos? e será que não interferir no caso da louça é certo?

– o que você faria, bem? interferiria ou não interferiria?

– interferiria, sim. não quero um filho com louça suja em casa.

– amor, às vezes você é muito careta.



- bem, vamos fazer uma lista das coisas que a gente mais gosta de comer?
- mas, em ordem de preferência?
- é, em ordem. se não for em ordem, não tem graça.
- mas tem que ser as coisas que nós dois mais gostamos, juntos, ou que cada um de nós gosta separado?
- não, de nós dois, juntos. acho que em primeiro lugar vem macarrão, né, amor?
- ah, mas daí tem variações. porque nós dois amamos macarrão, mas você odeia espaguete e eu adoro. como fica?
- ah, a gente põe “massa”, assim, genérico. e o molho?
- bolonhesa, disparado! é simples e completo. e a gente adora.
- tá, bolonhesa. e em segundo lugar? pizza?
- é, pode ser. pizza tá certo, mas claro que, outra vez, com as devidas diferenças específicas.
- mas isso eu não preciso colocar.
- e em terceiro? sanduíche?
- nossa, mas só tem carboidrato nessa lista. que tal uma frutinha, uma verdura?
- mas é a lista dos nossos gostos ou reportagem pra “vida simples”? tem que ser autêntico! se a gente gosta de carboidrato, a gente gosta.
- mas é que é bom justamente pra verificar os nossos gostos. a gente tá muito pouco saudável, era melhor ter uma dieta mais equilibrada.
- listas e equilíbrio são duas coisas que não combinam. casal equilibrado não faz listas. qual você prefere? listas ou equilíbrio?

– listas, amor. listas.



– bem, não é louco esse lance do tempo? dele às vezes passar rápido e outras devagar? faz pensar que toda a marcação do tempo é simplesmente aleatória. como se não existissem horas, segundos, minutos. nada disso. só a nossa interpretação do tempo mesmo.

– é, já pensei nisso várias vezes. mas, ao mesmo tempo, tem os ritmos da natureza, né? as rotações, translações, os ciclos físicos, corporais, os fenômenos... e nada disso é aleatório. no fundo, o tempo do relógio tem a ver com isso tudo.

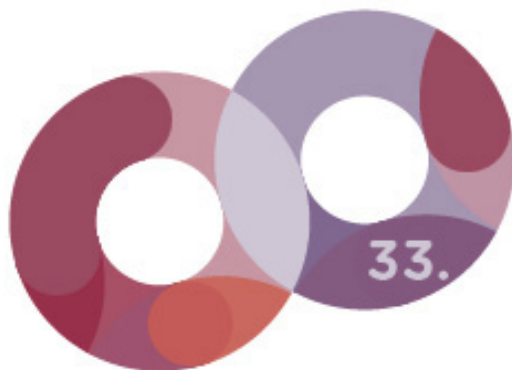
– mas nós perdemos completamente nosso vínculo com isso. agora estamos presos num tempo artificial e falso e, assim, todos os tempos internos, que deveriam ser naturais, ficam parecendo uma ficção, uma invenção, sei lá. como será que faz para recuperar esse tempo da natureza?

– acho que prestando mais atenção ao corpo, fazendo as coisas mais devagar, com mais autenticidade, não sei.

– desautomatizando, né? amor, não sei desautomatizar.

– é só não pensar. é só viver.

– bem, isso é muito difícil.



– amor, você sabe direito a diferença entre transcendência e imanência?

– ah, transcendência é fácil. tem a ver com metafísica, misticismo, coisas sobrenaturais, tudo aquilo que não faz parte do mundo natural e real. agora imanência, imanência mesmo, eu nunca consegui entender direito.

– parece que é a coisa em si, a coisa mesmo. tem umas pessoas que falam até um termo esquisito: “a coisidade da coisa”. acho bonito, mas não consigo entender. como que as coisas podem ter uma “coisidade”? tipo uma “cadeiridade” da cadeira, algo assim? você não acha isso meio maluco, incompreensível?

– é, acho, sim. porque a cadeira está sempre ligada ao que ela quer dizer, né? à função, ao fato de ela ter sido feita pelo homem. eu também não entendo. achava que tinha a ver com racionalidade, mas parece que não é isso também. as coisas e as pessoas por elas mesmas, materiais, mortais, vai ver é algo assim. a natureza em si mesma, sem relação com nada de fora dela ou além dela.

– nossa, então é tipo um ateísmo, amor?

– não, acho que não também.

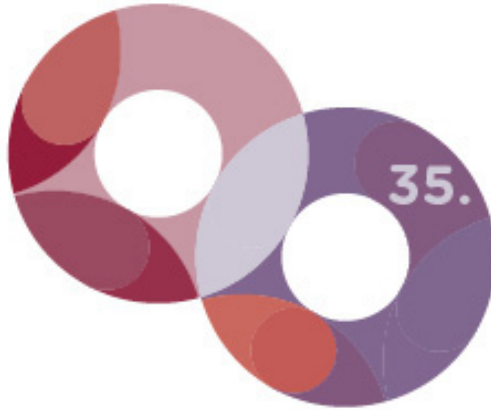
– acho que é tipo um coisismo, então. imanência é um coisismo, né?

– vamos fazer um adesivo?

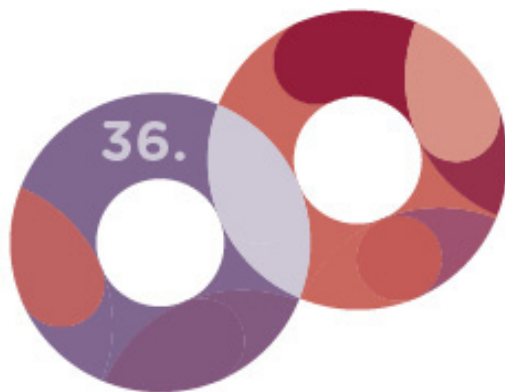
– vamos! “a imanência é um coisismo”.



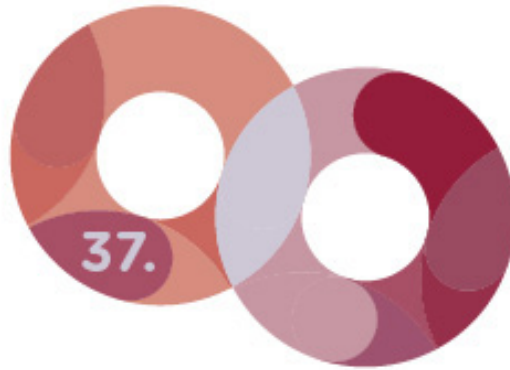
- bem, você acredita em deus?
- não sei te dizer. às vezes acho que sim e outras vezes que não. realmente não sei. depende da parte da cabeça que eu uso. se for a razão, não. se for a emoção, sim.
- que esquisito, bem! como que dá para separar assim? mas o complicado é que eu também não sei. digo que não acredito, mas quando eu vou ver, tô falando “graças a deus”, “pelo amor de deus”! e não é só modo de expressão, não. eu realmente penso em deus nessas horas mais difíceis!
- ah, então você acredita, né, amor. só tem dificuldade de aceitar, porque, sei lá, às vezes não pega bem...
- e você acha que eu ia dizer que não acredito porque pega bem? é que eu realmente não sei. não acredito nele, mas tenho medo que ele me puna por causa disso!
- e por que será que a gente fala “ele”? pode ser “ela”, pode não ter sexo, pode ser uma coisa dentro da gente mesmo. pra mim, acho que tem a ver com a intuição, que é a coisa mais louca que a gente tem dentro da gente.
- taí. vai ver deus é a intuição. e eu acredito nela. acho que ela sabe mais coisas do que a gente mesmo sabe que sabe.
- ah, assim fica fácil, né, amor. deus é intuição... não é assim. isso não explica tudo. só facilita.
- ai, amor, me deixa pensar assim, que coisa. pra mim é.
- agora, né? daqui a pouco cê já vai mudar de ideia, que eu conheço.
- deus é intuição, deus é intuição, deus é intuição.



- meu bem, você me ama muito?
- amo, amor. você sabe que sim.
- mas quanto, quanto você me ama? finito ou infinito?
- infinito, meu doce. infinitilhão de infinitilhão.
- mas faz com a mão! exatamente quanto?
- não dá. meu corpo não comporta a extensão do meu amor.
- nossa, amor. que linda essa frase! fala de novo? quero até sonhar com isso!
- é mesmo, é bonito mesmo, nem parece que fui eu que falei. meu corpo não comporta a extensão do meu amor. fala você também?
- falo: meu corpo não comporta a extensão do meu amor.
- mas você também tá falando isso com sinceridade?
- não, eu não saberia dizer uma frase dessas.
- então, qual você diria?
- ah, deixa eu ver. meus braços são curtos demais para o abraço que eu gostaria de te dar, algo assim.
- putz, que bom que você não disse.



- tipo, amor, foi muita filha da putice isso que você falou!
- nossa, não achei tanto! você acha que eles ficaram ofendidos?
- ofendidos não sei, mas devem estar se perguntando o que aconteceu até agora. e depois todo mundo fala da tua fofurice, mas você engana bem!
- ah, até que eu engano mesmo. é meu jeito de conseguir o que eu quero também, né? preciso desenvolver algumas estratégias.
- nossa, bem, não sabia que você tinha esse lado tão capcioso!
- cap o quê?



– amor, se você não fosse isso que você é, o que você gostaria de ser?

– não sei. acho que pianista, sei lá.

– pianista? que lindo. eu acho que gostaria de ser ceramista, mexer com barro, terra, algo assim.

– nossa, nunca podia imaginar. nossas vidas seriam muito diferentes, né?

– já pensou? pianista e ceramista? seríamos chiques, famosos, esquisitos. faríamos festas e viriam pessoas malucas.

– como nós chamaríamos, bem?

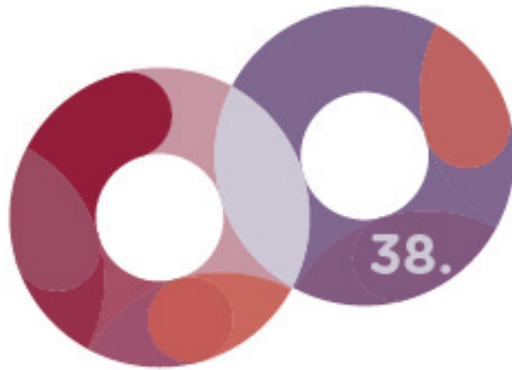
– ah, deixa eu ver. ching e ling ou turner & corner, algo assim.

– enchi. não quero mais que a gente seja pianista e ceramista. dá muito trabalho.

– tá bom. melhor vitrinista e acupunturista, então.

– isso, sem glamour.

– é, sem glamour.



– bem, você acha que se a gente se casasse, logo nós iríamos nos separar?

– claro que não, amor. mas, por outro lado, sempre acho que em time que está ganhando é melhor não mexer.

– pois eu não tenho medo de falar. acho que a gente correria esse risco, sim.

– nossa, por quê?

– porque eu acho que o bom do nosso relacionamento é que a gente nunca fica discutindo boletos, sujeira da geladeira, salário da empregada. acho que se a gente começasse a falar desses assuntos, tiraria a magia que existe entre nós.

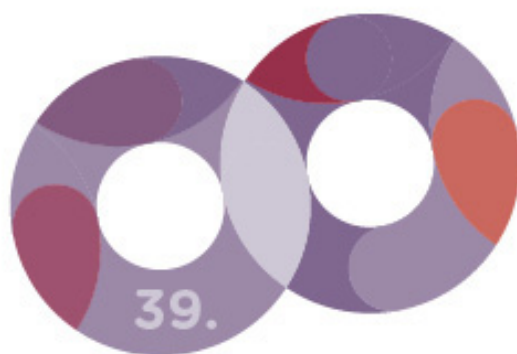
– mas, então, como vai ser? alguma hora a gente vai ter que acabar discutindo por onde aperta a pasta de dentes, ou não?

– é, acho que sim. isso me assusta.

– amor, você promete que nunca vai me dizer por onde eu preciso apertar a pasta de dentes?

– prometo, amor.

– então vai dar tudo certo.



– por mais que eu concorde com as feministas, amor, não consigo deixar de gostar que os homens façam certas gentilezas com as mulheres, tipo puxar a cadeira, abrir a porta, trazer flores. sei lá, acho que é cultural, não sei.

– é, é incrível, mas eu penso do mesmo jeito. tem coisas que a gente não consegue desacostumar. e será que entre duas mulheres ou entre dois homens, por exemplo, também não se estabelece uma relação tipo macho-fêmea, de um fazer mais gentilezas que o outro? será que tem alguma coisa biológica nesses hábitos?

– então, não sei. mas por outro lado, esse feminismo tem suas razões também. nossa, essas coisas são muito complicadas. acho muito legal, por exemplo, quando um homem fica do lado de fora da calçada pra proteger a mulher. cê não acha?

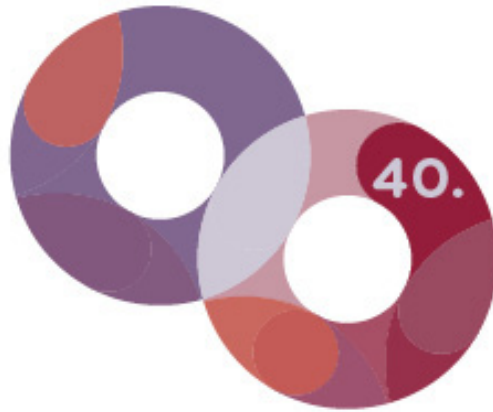
– então, eu acho também. mas o que eu ouço dizer, atualmente, é que o gênero de uma pessoa não se define mais só pelo corpo. é tipo uma ideia, um conceito, entendeu?

– nossa, que estranho. têm coisas muito machistas na nossa vida mesmo, até na língua, como isso do plural ser sempre no masculino, de deus ser masculino e é verdade que os homens têm privilégios, isso é! mas daí a gênero ser um conceito e não um dado da natureza, não sei não!

– nossa, bem, tem que saber tantas coisas pra acompanhar nosso tempo, né?

– é, amor. mas entender os gêneros é uma das mais fáceis. pior é, sei lá, pós-estruturalismo épico, um negócio desses.

– ai, bem, sai pra lá!

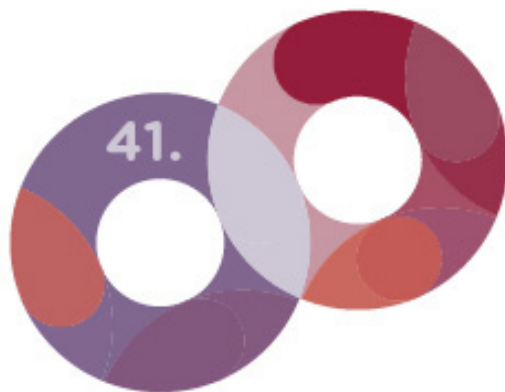


- o que você acha dos livros eletrônicos, amor? cê gosta?
- ah, não sei. não consigo me acostumar, por mais que eu reconheça as vantagens. sinto falta do cheirinho dos livros novos, de folhear, sabe, marcar com a caneta. você não?
- acho que eu também. outro dia fiquei contando, com umas pessoas, as vantagens de um e do outro.
- tipo o quê?
- ah, tipo assim: dá pra paquerar uma pessoa lendo um livro ou vendo que livro ela tá lendo, não dá? ou então conhecer a personalidade de alguém pelas lombadas das prateleiras. com os eletrônicos, não dá.
- em compensação, também o eletrônico não pesa nada, dá pra carregar muitos, descarregar quando quiser...
- mas não dá pra levar pra praia, ler na banheira...
- mas dá pra encontrar palavras, frases, fazer um índice das tuas marcações, saber os significados das palavras desconhecidas sem olhar no dicionário...
- mas não dá pra emprestar, dividir, cair no chão...
- ah, acho que uma coisa não exclui a outra, né, amor? por que as duas tecnologias não podem conviver juntas?
- e depois, isso que eu falei na discussão, quando a imprensa foi inventada, aposto que todo mundo também ficou com medo que os padres seriam abolidos. e os padres tão aí, bonitinhos, fazendo sermão e tudo.
- nossa, amor, que comparação esdrúxula! mas gostei! taí, gostei!
- e depois do livro eletrônico, do que será que as pessoas vão ficar com medo, bem?

– hum, deixa eu ver... de drones leitores? livros que se leem sozinhos? chips que você implanta e já vem com o livro lido?

– nossa, amor, isso seria legal! já pensou já ter lido tipo o proust, umas três vezes? euclides da cunha?

– putz, e lacan, então? se tiver chip de lacan, eu tô dentro!



- amor, cê gosta de ser normal?
- como assim?
- ah, normal mesmo. a gente não é especial, vai. não somos famosos, não somos os melhores nem os piores em nada, não nos destacamos nos nossos trabalhos, a gente é igual a todo mundo, ué! cê gosta disso?
- ah, mas eu não concordo completamente. a gente é normal no atacado, assim, no geral, mas no varejo, individualmente, a gente é diferente de todo mundo. cada pessoa é diferente, especial em algum sentido.
- não, tudo bem, eu concordo. mas daí não vale, isso é meio demagogia. tô falando em algum sentido, tipo assim, de reconhecimento externo, sabe?
- ah, bem, mas não é assim. tá cheio de gente reconhecida que não tem nada de especial. aliás, se cê quiser saber, são menos ainda do que normais. e olha, se cê tá perguntando, e se é isso que cê quis dizer, eu gosto, sim. eu gosto mesmo é de ser normal. de ter uma casa normal, um trabalho normal, de sermos namorados normais e ganhar dinheiro normal.
- que mais, amor?
- de ter um liquidificador normal, um fogão normal, de querer fazer viagens normais e de ter sonhos normais.
- mas e tua vontade de escalar o everest?
- normal!
- e teu desejo secreto de ser gravurista em pedra?
- normal também.
- e de fazer espeleologia e explorar cavernas desconhecidas?

- absolutamente normal.
- ufa, tá bom. deixa eu ver... e de ser, por um dia, o coelho da alice no país das maravilhas?
- é, daí já não sei.



- amor, o amor é meio paradoxal, sabia?
- como assim? paradoxal por quê?
- olha, pensa bem. quanto mais você está com uma pessoa, mais você quer garantir que essa pessoa fique com você, certo?
- certo, claro.
- então. mas daí, cê começa a, tipo, querer expandir teu pequeno território com essa pessoa. cê compra um terreno, constrói uma casa ou compra ou aluga, sei lá... daí cê compra coisas, carros, muda de emprego, cria uma família, tudo pra garantir esse vínculo, né?
- hum, mais ou menos, mas tudo bem. diz aonde você quer chegar.
- mas então, é meio inevitável que, com o tempo, sejam justamente essas as coisas que vão afastando uma pessoa da outra e, ao mesmo tempo, prendendo uma na outra.
- mas afastando por quê? não tô entendendo...
- ah, porque as pessoas vão ficando mais ligadas nas coisas do que no parceiro. mais ligadas em manter as coisas, entende? e isso vai dando raiva do companheiro ou companheira, sei lá, porque parece que é a pessoa que nos prende a essas coisas. é tipo uma prisão que a gente constrói pra gente mesmo. não é um paradoxo?
- nossa, amor, que horrível isso que cê tá falando. é de um pessimismo atroz. uma visão muito fechada e maniqueísta do amor. não precisa ser sempre nem exclusivamente assim.
- então, como? qual é a saída? não ter família nem casa nem dinheiro?

– não, claro que não, amor. isso ainda é maniqueísta. a saída é, todos os dias, tentar não cair nessa emboscada que o mundo arma pra gente.

– mas não dá. cê vai caindo, mesmo sem querer.

– mas isso não é culpa do amor, entende? é culpa da forma como a gente conduz nossa vida e acaba chamando isso de amor, mas não é!

– então o que que é o amor? não acaba sempre virando isso? um relacionamento fraterno adaptado às necessidades?

– nossa, que horrível. cê tá com raiva mesmo do amor, né, amor? não é de mim que cê tá com raiva por acaso?

– não sei, acho que é.

– mas por quê?

– não sei direito, bem. acho que é porque eu fiquei com ciúmes daquela olhada que você deu.

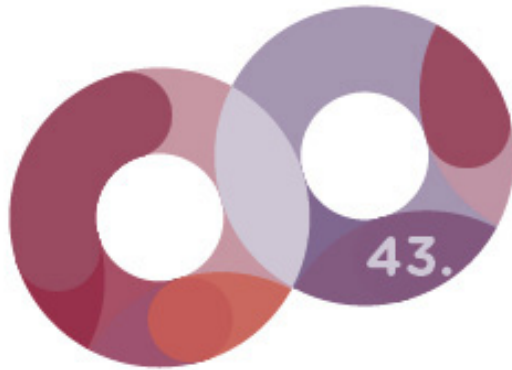
– ainda aquilo! não acredito! mas eu não te disse que aquilo não aconteceu?

– nossa, eu é que sou a pura contradição, né, amor? não é o amor, sou eu.

– pois é isso que eu tava dizendo. contraditório não é o amor, é quem ama.

– amor, cê me acha paradoxal?

– acho, meu doce. você é a pessoa mais paradoxal que eu conheço!



- bom dia, amor.
- bom dia. dormiu bem?
- dormi demais. nem sei por que dormi tanto.
- dormi tanto, dormi tanto. parece dormitando, né? é legal esse verbo, “dormitar”.
- acho que eu tive uns pesadelos, nem lembro direito. a soninha virava presidente, mas daí ela dirigia meu carro e me levava pra um lugar estranho... que esquisito!
- sabe como fala pesadelo em francês? cauchemar, não é legal? cauchemar... ter um cauchemar deve ser bem mais legal do que ter um pesadelo, né?
- depois a gente se perdia, eu, a soninha, daí tinha uma festa e a gente não tava vestido certo. eu sempre tenho esses sonhos de inadequação, amor, o que será?
- o que será, que será, que dá dentro da gente, que não devia...
- escuta, parece que são as palavras que te falam e não você que fala elas.
- “você que fala elas”, bem? que horrível isso. “você que as fala”. nossa, mas “você que as fala” é pior ainda.



- vamos fazer um pingue-pongue de perguntas e respostas rápidas, amor? mas tem que ser instantâneo!
- putz, vou tentar, mas nunca consigo dar boas respostas rápidas, tipo de seriado americano.
- não precisa ser tão bom. vamos tentar.
- ok. preparar, apontar, fogo.
- hum, qual teu personagem predileto?
- emília, do sítio do pica-pau amarelo. qual teu filme predileto?
- é, amarcord, vai. se você fosse para uma ilha deserta, levaria o quê?
- fita crepe, corda e um livro bem grosso e bom. você se considera incorruptível?
- não. não digo nada definitivo sobre mim, porque acho que ninguém se conhece o suficiente. nossa, essa resposta foi boa, hein? quando você estiver à beira da morte, você acha que vai se arrepender do quê?
- de não ter feito mais besteiras, coisas fora do padrão, coisas desaconselháveis. você vai querer ter filhos?
- vou, mas não logo. qual é o teu maior sonho?
- envelhecer com saúde e sem depender de ninguém. você acha que a ingenuidade é um mal?
- pode ser, sim. depende da dose e do conteúdo da ingenuidade. uau, a gente tá arrasando, amor. você tem alguma insatisfação sexual?
- hum, nada especial. só as de sempre, que a gente vai consertando com o tempo.

– nossa, amor, como a gente combina. fomos feitos um para o outro, né?

– feitos um para o outro não é a melhor definição de amor, na minha opinião.

– amor, eu já acabei a brincadeira. isso não era uma pergunta, era uma afirmação.

– ah, desculpa.



– amor, você já reparou que a esquerda briga mais entre si do que com a direita?

– é claro, isso é histórico. essa, aliás, é uma das razões por que a esquerda tem tanta dificuldade de agir; porque fica mais preocupada em discordar de alguma minúcia do que em se dar conta do que o outro lado está fazendo. enquanto isso, a direita se esbalda.

– e qual você acha que é a solução para isso? por que isso acontece? é um apego exagerado às teorias, aos nomes, é fetiche?

– em certo sentido, acho que é, sim. um fetiche de certas palavras, certas ideias fixas das quais ninguém abre mão. para a esquerda dar certo seria preciso mais humildade. mas humildade de verdade, de saber aceitar o diferente. muita gente tem a vaidade da humildade, isso sim.

– é, deve ser isso. muita palavra e pouca vontade de olhar para o outro. que droga isso! se a esquerda se unisse, poderia acontecer tanta coisa legal!

– mas é a sina dos oprimidos, amor. criar diferenças inconciliáveis.

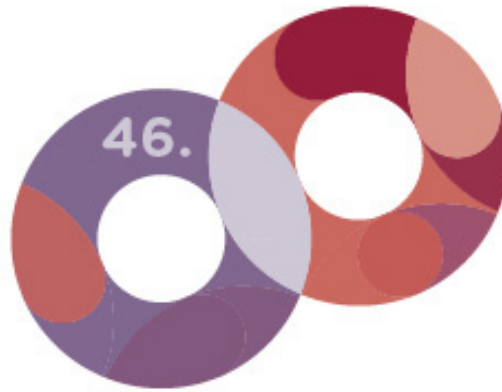
– mas a esquerda não é mais oprimida. pelo menos não tanto, bem.

– mas continua agindo como se fosse. e, de certa forma, é sim. quando deixa de ser oprimida, fica mais de direita. aquele nosso amigo, por exemplo, o claudio, lembra. você viu as coisas que ele disse? aquilo é direita pura!

– não é tanto, amor, vai. você também não perdoa ninguém.

– não perdoo mesmo. falou merda, tem que arcar com as consequências. aquelas palavras eu não admito!

- mas o que ele falou de tão grave assim?
- otimizar, inicializar e sinergia. essas palavras... não dá, eu simplesmente não aguento.
- nossa, “sinergia” é barra pesada!



– uma vez, quando eu era criança, minha irmã me perguntou se eu sabia o que queria dizer “tudo certo como dois e dois são cinco”, amor.

– e o que você falou?

– que queria dizer que tava tudo errado. daí ela ficou orgulhosa de mim, por eu ser tão inteligente.

– nossa, esse é um jeito muito legal de dizer que tá tudo errado mesmo. vamos fazer isso com outras coisas?

– tipo o quê, amor?

– tipo assim, olha: para dizer que uma coisa é feia, a gente fala: tão bonito como a vesguice do sartre, entendeu?

– ah, que legal, entendi. vai. tudo gostoso como sopa de nabo.

– esse foi mais ou menos. deixa eu tentar: tudo natural como um caixa eletrônico.

– nossa, péssimo. humm... tudo simples como teoria lacaniana.

– toda hora você fala do lacan! essa já cansou. tudo alegre como, é, como, hã...

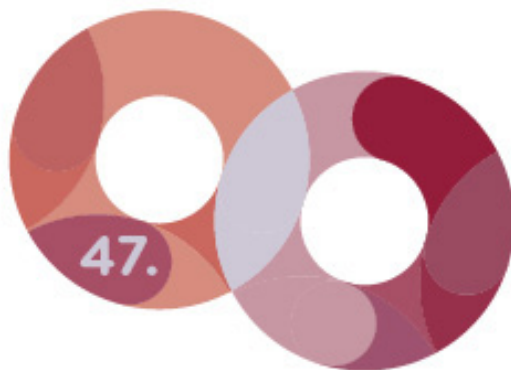
– como num velório? como no jogo da final do brasil com o uruguai em 1950? como numa televisão de domingo à tarde?

– não, como quando ninguém vem na tua festa de aniversário.

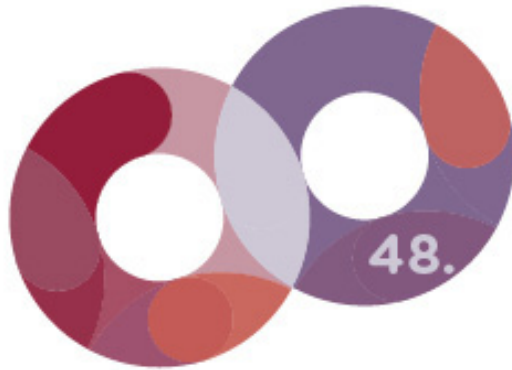
– que coisa mais triste, amor, não quero mais brincar disso.

– tudo bem. tava chato mesmo e a gente não é mais tão inteligente como quando éramos pequenos.

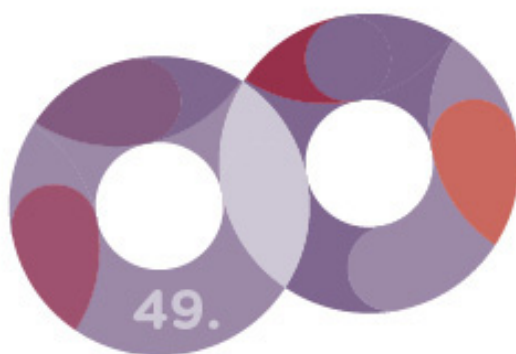
– é, somos tão inteligentes quanto o gustavinho, reprovado na prova de tabuada.



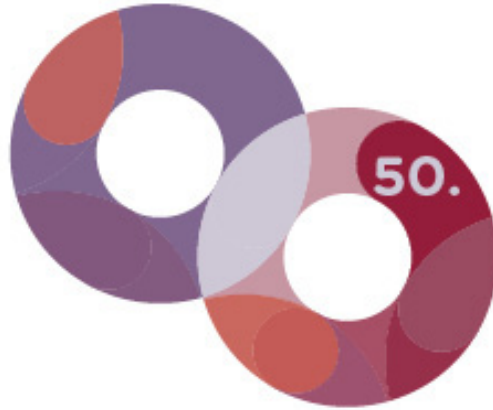
- amor, você acha que beleza é fundamental?
- ah, se eu disser que não, vai ser mentira. acho, acho sim.
- mas e se eu não fosse atraente? sei lá, se eu fosse horrível, míope, você ainda iria gostar de mim?
- não, não iria.
- que horror. então você só gosta da minha beleza, é isso?
- claro que não, amor. você sabe disso. a gente gosta do conjunto, da combinação entre as partes. agora, se você fosse horrível e míope, você não seria quem você é, tenho certeza e, além do mais, você sabe que eu não gosto desse tipo de especulação boba. você simplesmente não é assim e é assim que eu gosto.
- mas e se eu engordasse, por exemplo? se eu ganhasse uns trinta quilos?
- não. eu ia parar de gostar de você, pronto. era isso o que você queria ouvir? parava, total.
- droga, pensando bem, acho que eu parava também, ou, no mínimo, diminuía. que coisa, será que o amor é tão dependente da aparência assim?
- não é isso, bem. vê se entende. o amor acompanha os movimentos, as dinâmicas da vida. é só isso. não tem nenhum escândalo nisso, e a beleza faz parte disso tudo. mas para de ficar alimentando bobagem, tá?
- amor?
- o quê?
- e desse pneuzinho aqui, você gosta?



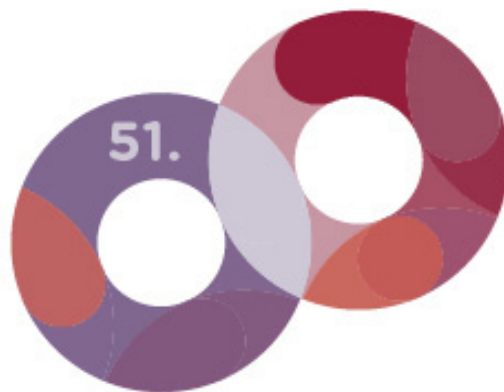
- platão ou aristóteles, bem?
 - platão, disparado.
 - mozart ou chopin?
 - hum... chopin, vai.
 - leonardo ou michelangelo?
 - leonardo, claro. essa é fácil.
 - veneza ou florença?
 - sei lá, nunca estive em nenhuma das duas. mas veneza, acho.
- é menos imponente, parece.
- círculo ou quadrado?
 - círculo, sem dúvida.
 - idade média ou renascimento?
 - idade média.
 - ciência ou magia?
 - ciência, lógico.
 - amor ou amizade?
 - isso é sério?
 - não, era só uma pegadinha.



- amor, você imagina a gente bem velhinho?
- imagino, sim. a gente vai buscar os netinhos na escola, levar pra tomar sorvete e depois a gente vai chegar em casa, ler muitos livros, tomar chá e depois dormir.
- isso não te assusta?
- não. é o caminho inevitável da vida. é bom que seja assim.
- mas a gente vai estar juntos, não vai?
- é claro que vai. se não, não tem graça.
- e ainda vamos ter esse tipo de conversa?
- vamos sim. a gente vai perguntar um pro outro: amor, lembra quando a gente era jovem e imaginava que a gente seria velhinho? agora a gente já é.
- que bom, amor. que bom isso.



- bateu um cansaço, amor. acho que eu vou dormir.
- como dizia o meu pai, vou me retirar para os meus aposentos.
- isso, vou pra lá mesmo. boa noite, bem.
- boa noite. já, já eu tô indo. vou só terminar de assistir a esse filme.
- tá bom. fica bem aí.
- você também. bons sonhos. vê se sonha comigo.
- ah, não esquece de tirar a chave da porta e de apagar a luz do corredor.
- pode deixar. ah, amor?
- o quê?
- sabia que é o cavalo-marinho macho que engravida e não a fêmea?
- boa noite, meu doce.
- boa noite



– bem, você já reparou quantas músicas fazem listas comparando a pessoa amada com várias coisas, do tipo “você é meu caminho, meu vício, meu bálsamo benigno”, ou “sou sua luz, sua cruz, sua flor, sua jura”?

– já, claro que já tinha reparado. tem um monte dessas.

– vamos fazer também? só que tem quer ser rimado, tipo uma letra de música mesmo, tá?

– tá. eu falo uma e você outra. deixa eu ver: “você é meu cuscuz de abóbora”.

– nossa, difícil, sei lá. “você é minha insuportável lógica”.

– ué, lógica não rima com abóbora.

– rima sim, em música tem umas rimas desse tipo. pensa: abóbora, lógica.

– tá, tudo bem, vai. “você é minha casa no campo”.

– é... “você é minha varíola e meu sarampo”. boa, hein?

– nossa, mas varíola e sarampo não são coisas boas!

– eu sei, mas são coisas que ficam pra sempre, entendeu? foi essa a intenção. e depois, não tem graça uma música só com coisas boas. é tipo, “meu bem, meu bem, meu mal”.

– tá, tá legal, então vou falar uma coisa assim também agora. “você é minha tempestade e meu granizo”.

– isso, ótimo. e “você é minha lágrima e meu riso”.

– putz, essa ficou meio boba. “você é minha mangueira no quintal”.

– e você é a “marlene da minha rádio nacional”.

– muito boa essa, parabéns! você é meu “colar indígena de miçangas”.

- e “você é o passa-anel da minha ciranda”.
- passa-anel da ciranda? existe isso?
- não sei, eu acabei de inventar. lembra dessa brincadeira, como era legal?
- então, pra acabar agora. uma bem difícil. “você é, de todos os lagos, o meu cisne”.
- ah, sacanagem, essa não dá. cisne não tem rima em português.
- tenta. quero ver.
- tá bom, vai. “pra você eu sempre canto bis, né?”
- hum?



– sabe do que que eu gostaria mesmo, amor? de ser poeta. já imaginou? os poetas vivem num mundo só deles e conseguem fazer as palavras dizerem o que eles querem e não o que elas querem dizer. não é demais?

– é incrível essa expressão, né? “querer dizer”. já tinha pensado nisso. é como se as palavras quisessem dizer coisas sozinhas, independente da nossa interferência. isso é muito incrível. e é verdade, acho que só os poetas conseguem descobrir isso.

– não, eu falei o contrário, disse que eles fazem elas dizerem o que eles querem.

– mas eu não acho isso. acho que eles descobrem o que as palavras querem dizer por si mesmas.

– pode ser também. ou podem ser as duas coisas. sabe que poema eu acho lindo? um do fernando pessoa que diz assim: “o mito é o nada que é tudo”. eu não entendo direito, mas acho demais.

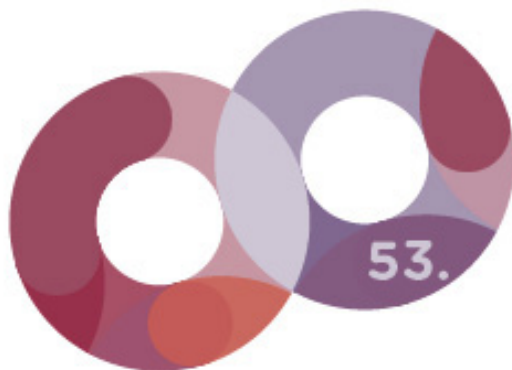
– é lindo mesmo, amor. e parece que a gente entende sem entender, né? porque é isso mesmo. o mito é inventado, mas tá em todo lugar, em tudo o que a gente faz.

– e você, tem algum poema que você mais gosta?

– tem, é do manuel bandeira e se chama “namorados”. é muito bonitinho e ao mesmo tempo sacana. ele termina assim: “teresa, você é louca. você parece uma lagarta listrada”.

– que estranho, bem. mas é lindo. que nem a gente.

– é. nós também somos duas lagartas listradas.



- para amor, que saco. para de pegar no meu pé e ficar suspirando pelos cantos! eu sou assim e pronto! que coisa!
- mas não tem essa de “eu sou assim” e acabou. todo mundo precisa aprender a mudar. se eu tô falando é porque eu acho que seria melhor se você fosse diferente.
- mas tem coisas que não mudam, que merda! não vou conseguir me transformar numa pessoa organizada só porque você gosta. eu sempre fui assim, minha vida inteira, e sempre me virei muito bem em tudo. não preciso mudar e não quero mudar só pra me adaptar. você comprou o pacote desse jeito! agora encara!
- eu não comprei pacote nenhum, detesto essas metáforas de compra e venda pra relacionamento. já não basta no resto da vida. eu gosto de você de qualquer jeito, mas tem coisas que me incomodam, assim como tem coisas minhas que incomodam você.
- mas eu não fico pedindo pra você mudar!
- fica sim, só que é menos explícito! é até mais malandro o jeito como você me cobra.
- tá vendo? você também fala em cobrança! não dá pra escapar desse vocabulário.
- ah, mas que coisa chata! afinal, dá ou não dá pra você considerar minha vontade de que você baixe a tampa do vaso toda vez que usa?
- mas era só por isso que você tava bufando?
- era.



– você já viu essa frase do heráclito, amor? “tudo o que é, não é e tudo o que não é, é”? você entende?

– acho que entendo, sim. quer dizer que as coisas não são exatamente o que elas são, mas que elas estão o tempo todo se transformando. foi ele também que falou aquela história do rio, sabe, de não entrar duas vezes. então, é a mesma coisa.

– tudo bem, eu imaginei que fosse isso. mas, por outro lado, mesmo se transformando, as coisas continuam sendo, no fundo, aquilo que elas são.

– tipo o quê?

– ah, sei lá. tipo um tecido, vai. ele pode ser mais novo ou mais velho. ele muda, mas continua sempre sendo o mesmo, ou, sei lá, alguma coisa nele se mantém.

– então, bem, mas é por isso que o outro filósofo, o parmênides, disse o contrário: que “o que é, é” e “o que não é, não é”.

– mas não dá pra ser as duas coisas ao mesmo tempo, ou um tá certo ou o outro!

– não, pensa bem. se o heráclito estiver certo, então os dois estão certos. porque não existe estar completamente certo em nada.

– ah, gostei. o heráclito nega o parmênides, mas também confirma, né?

– é.

– então as coisas são e ao mesmo não são, é isso?

– isso.

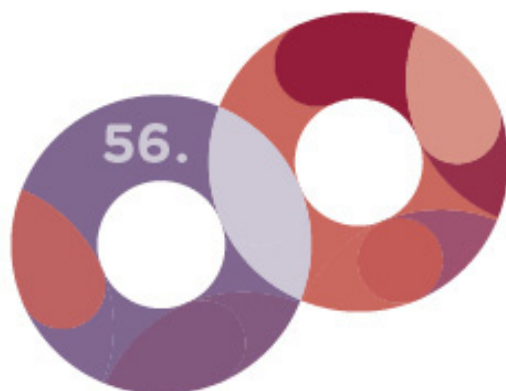
– o heráclito é muito mais legal, né?

– disparado.

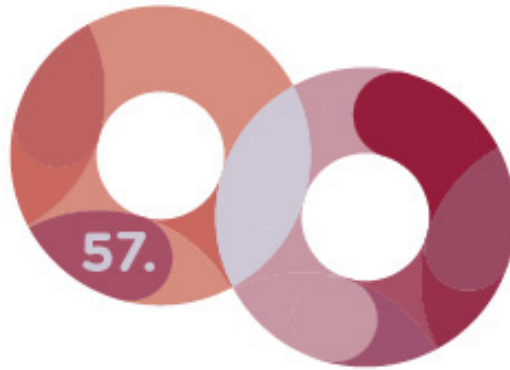


- nossa, tudo é sexo, sexo, sexo. só se fala disso, o tempo todo.
- mas sexo é a coisa mais importante que existe, ué! só se podia falar disso o tempo inteiro.
- nossa, que absurdo isso que você tá falando. em primeiro lugar, sexo não é a coisa mais importante que existe. em segundo, esse sexo que todo mundo fala não é esse “da coisa mais importante que existe”. é outro. é uma deturpação!
- isso eu concordo. tudo bem. mas que sexo é a coisa mais importante, disso eu tenho certeza. o que que é mais importante, na tua opinião, amor?
- ué, o amor, claro. a igualdade social.
- ah, vai, isso é retórica. claro que, coletivamente, igualdade é mais importante que sexo. mas eu tô falando no sentido individual, psicológico. e amor, no fundo, é sexo também.
- nossa, cê tá muito freudiano.
- tô mesmo, eu acho que o cara tinha toda razão. mas essa porcariada que espalham por aí não é sexo, não. é tipo uma violência, um estrago.
- nossa, não sei se eu concordo com você. mas que é verdade que grande parte das loucuras humanas tem um fundo sexual, isso é. se a sociedade fosse menos homofóbica, por exemplo, muita coisa melhoraria, tenho certeza. a homofobia vem junto com tudo que existe de pior.
- tá vendo? é isso mesmo. toda violência parte de uma repressão, é isso que o freud falou.
- então aí se encaixa até a igualdade social, né?
- é. é isso mesmo.

- que coisa, amor. pode ser que você tenha razão mesmo.
- eu não, o sigmund.
- ah, mas você deu uma ajudinha, vai!



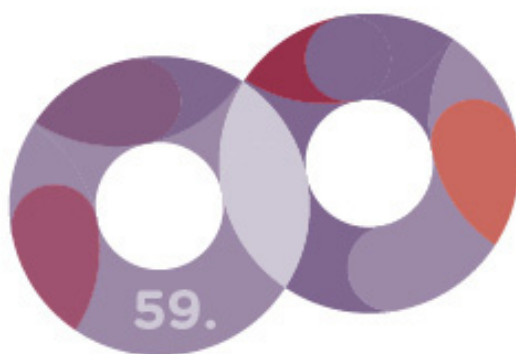
- amor, você é tão doce, tão adorável!
- que lindo, amor. você é que é.
- não, você.
- ah, vai, não vamos começar com isso.
- tá bom. é você e pronto.
- tá bom. sou eu.



- caralho, que merda!
- que isso, amor? que jeito de falar é esse? o que aconteceu?
- nada, tô com raiva, muita raiva! não consigo fazer essa porra funcionar e já tô aqui há horas. sou de uma burrice fenomenal, bosta!
- para com isso, já deu, que saco. não adianta nada essa irritação, só piora. “don’t worry, be happy!”
- não, sério, não vem com essa musiquinha chata. se você falar isso, daí é que eu vou sair xingando o mundo. a pior coisa que existe quando a gente tá irritado é alguém que vem dizer pra ficar numa boa. simplesmente não dá, entendeu? eu não tenho jeito pra essa máquina. perdi tudo o que eu tinha salvo outra vez.
- e se eu disser que perder tem seu lado bom também, você me mata?
- mato.
- hum, e se eu tentar recuperar o que você perdeu?
- daí eu faço qualquer coisa que você quiser.
- inclusive parar de xingar tanto?
- não. daí não. isso já seria demais. adoro falar palavrão. caralho, caralho, caralho.
- tá bom, vou tentar mesmo assim. mas eu realmente não gosto.
- olha, então vou propor um acordo. se você conseguir, eu não falo mais porra nem merda e nem bosta. mas caralho eu preciso falar!
- droga, eu ia propor justamente o contrário.



- tô aqui pensando em qual que eu gostaria que fosse meu epitáfio, amor.
- epitáfio? não tem mais no que pensar, não?
- ué, não tem problema. é uma preocupação como qualquer outra. e
- depois é legal pensar nisso, porque significa, na verdade, aquilo que a gente espera da vida, entendeu?
- tá, vai. e o que você pensou para ser teu epitáfio?
- ah, pensei em alguma coisa que dissesse que a minha vida não foi perfeita, mas foi a melhor que poderia ter sido. só que não consigo chegar numa frase legal.
- ah, mas isso é muito manjado. legal é dizer coisas do tipo: “não disse que eu estava doente?” ou então “desculpe o pó”.
- ah, fazer piadinha no túmulo? não, eu queria uma coisa séria e definitiva.
- definitiva vai ser, não se preocupa. mas precisa ser original.
- é, deixa eu ver, não consigo pensar em nada legal.
- que tal: “não tive tudo que quis, mas foda-se”?
- quer parar, amor? tô falando sério.
- tá bom. então, deixa eu ver.... “é isso aí, pessoal”. “valeu”.
- para! se você não quer ajudar, então não atrapalha. xispa!
- tá aí, essa é uma frase boa!



– eu acho essa história de politicamente correto um saco, quer saber? eu gosto de falar “preto” e não “afrodescendente”. isso é muito artificial, cê não acha, amor?

– ah, não sei, depende. por exemplo, lembra como os atuais “portadores de deficiência”, nem sei se ainda é esse o nome, eram chamados antigamente? eram “débeis mentais”, sabia?

– nossa, que horror! nesse caso melhorou mesmo.

– então, não é uma coisa assim, sempre horrível.

– mas tem umas coisas que são, vai. tipo “acompanhante remunerada” ou “melhor idade”.

– é, “melhor idade” é péssimo.

– quer inventar alguns?

– ai, sabia que você ia propor isso. tá bom, vai.

– é... “portador da pior idade”. adivinha!

– sei lá! o que que é?

– jovem, ué! se “melhor idade” é velho, “pior idade” é jovem, né? agora você.

– “portador de vincos profundos”.

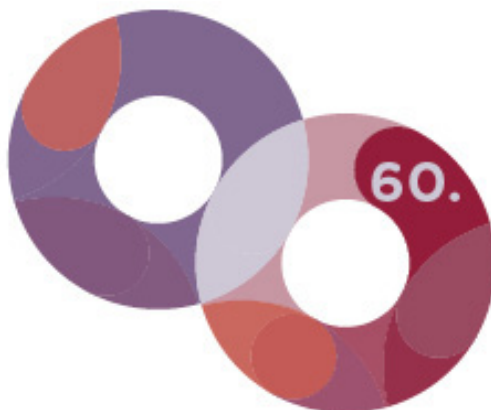
– uma pessoa toda enrugada, claro! agora eu: “deficiente de complexidade”.

– não sei, amor. cê tá fazendo uns muito difíceis.

– uma pessoa chata, claro. vou falar um mais fácil agora. é... “cognitivamente limitado”.

– essa é fácil, burro!

– quem, eu?



– amor, sabia que eu descobri vários cabelos brancos e umas rugas novas? tô envelhecendo e isso me assusta. a gente não tem filhos, eu não tô nem perto de ter o tal do sucesso profissional, não temos casa própria e o tempo vai passando. que medo!

– para com isso, amor. viu uns fios de cabelo branco e umas rugas e já quer resolver a vida? não é assim, puxa vida! essas coisas vão acontecendo no seu tempo, e depois não é isso que vai fazer você mais ou menos feliz.

– ah, mas é que dá um pânico. afinal, tem uma certa ordem na vida, não tem?

– não, não tem. tem a ordem que a gente dá a ela e nós ainda somos muito jovens.

– sério que você acha isso? você tá só falando da boca pra fora. você também quer ter sucesso, casa, filhos, essas coisas que todo mundo tem.

– olha, o que eu quero é fazer as minhas coisas, as nossas coisas, do nosso jeito e no nosso tempo. se é igual ou diferente, eu já não sei. pode ser que seja igual, pode ser que seja completamente absurdo, mas vai ser legal.

– nossa, amor, quanta sabedoria. então nada de preocupação, né? tudo tranquilo, meditação, zen-budismo, tudo na paz.

– é. tudo na paz. deixa o tempo passar no seu tempo.

– tá. mas e essas rugas aqui embaixo dos olhos?



Noemi Jaffe nasceu em São Paulo, em 1962. Doutorou-se em literatura brasileira pela USP. Com o livro *A verdadeira história do alfabeto* (Companhia das Letras, 2013) ganhou o Prêmio Brasília de Literatura na categoria contos e ficou entre os três finalistas do Portugal Telecom. Crítica literária do jornal *Folha de S.Paulo* desde 2006, é autora, entre outros livros, de *Todas as coisas pequenas* (Hedra, 2005) e *Quando nada está acontecendo* (Martins Fontes, 2011).

Mantém o blog: nadaestaacontecendo.blogspot.com.br

Copyright © 2014 by Noemi Jaffe

Distribuição exclusiva desta obra em formato digital: e-galáxia

Coordenação editorial: Tiago Ferro

Revisão: Marco Antonio Corrêa, Sandro Gomes dos Santos

Capa e projeto gráfico: A2

Foto da autora: João Bandeira

1ª edição – 2014

Este livro foi editado através da e-galáxia

www.e-galaxia.com.br